

Roma 3 x 2 Cristianismo

Entenda como e porquê a reencarnação foi banida das tradições cristãs

Francisco Cajazeiras - Fortaleza/CE

Nos primeiros dois séculos de Cristianismo, os seguidores de Jesus eram, em sua imensa maioria, pessoas do povo, que se reuniam em assembleias (Ekklesias) e chegavam mesmo a compartilhar os seus bens, no dia-a-dia. Viviam, portanto, em uma **comunidade**, no seu sentido mais literal.

Criam em Deus como Pai Celestial e em Jesus como o Messias prometido para a libertação do sofrimento. Criam na imortalidade da alma, na preexistência do Espírito e, obviamente, no processo das vidas sucessivas. Conquanto aguardassem para breve a volta do Mestre (a parúsia).

Além disso, mantinham contato ordinário com os Espíritos, através das reuniões mediúnicas, à época designadas de cultos pneumáticos, como se pode depreender da regulamentação desta atividade, inserida na *I Epístola aos Coríntios*:¹

“Ora, a respeito dos dons espirituais (mediúnicos), não quero, irmãos, que sejais ignorantes”.

“Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo”² (o Espírito Santo, isto é, a falange

dos Espíritos compromissados com o Bem).³

Com a disseminação do Movimento Cristão pelo mundo, passou a haver uma progressiva socialização e, conseqüente hierarquização, como resultado da tentativa de divulgar a mensagem e ampliar o número de adeptos, pela conversão dos gentios, notadamente do povo romano.

No ano 313 da nossa Era, Constantino, então Imperador Romano, liberou o culto cristão através do chamado **Edito de Milão**. Era o casamento entre a doutrina trazida por Jesus e o poder temporal de Roma que, em seu declínio, sentia no Movimento Cristão, pela popularidade que desfrutava e a aceitação da sua mensagem, o esteio de que necessitava para respaldar-lhe o poder do ponto de vista popular.

Do outro lado, atuavam como padrinhos do consórcio, os próprios dirigentes cristãos, certos de que esta aliança permitiria um crescimento mais acelerado de seu Movimento, bem assim o seu fortalecimento e estabilidade. Infelizmente, se por um lado a Igreja neoformada firmava-se a

cada dia e impunha-se no mundo, por outro, na parceria com Roma, teve que ser omissa diante de muitos desatinos e condescendente à vontade, ainda soberana, da Roma Imperial.

Por este motivo, houve a descontinuação da atividade de intercâmbio com os Espíritos, pois as mensagens que se faziam através desse canal de comunicação, muitas vezes, contraditavam as posturas assumidas, à época, em nome do Mestre Galileu.

Com o propósito de criar uma unidade em consonância com as necessidades de manutenção dessa aliança entre religião e o estado, foram criados os **concílios ecumênicos**. Esses, consistiam de uma assembleia para a qual se convidavam os dirigentes

¹ Paulo de Tarso. I Coríntios, 12.

² Entre os cristãos que conduzissem um trabalho mediúnico de forma correta, objetivando a instrução espiritual e o Bem a fazer.

³ Os bons Espíritos e os Espíritos puros, segunda e primeira ordem da classificação de Allan Kardec, contida em *O Livro dos Espíritos*, Livro II, cap. I, questões 107 a 113.

e as figuras de destaque do Movimento Cristão, com o fito de decidirem sobre o que estava certo ou errado em termos de doutrina da Igreja ou, pelo menos, do que se poderia adotar como certo. A partir desses encontros, foram surgindo os **dogmas** que, diferentemente do seu real significado (princípios, postulados), passaram a ter a força da inquestionabilidade e a impor a sua aceitação como verdades absolutas e, por isso, indiscutíveis. Os que arriscassem a ousadia de contraditá-los, recebiam a pecha de **hereses** e as eventuais punições, como o exílio, a prisão ou a morte.

A idéia da reencarnação, dissemos antes, integrava os princípios aceitos pelos protocristãos ou, pelo menos, por aqueles que conseguiam entender. Dentre os chamados “Pais da Igreja”, muitos foram os que aceitaram ou, pelo menos, conjecturaram acerca desta questão, como Santo Agostinho, Clemente de Alexandria e Justino, o mártir.

Mas indubitavelmente, foi Orígenes, que viveu em Alexandria, considerado um dos maiores pensadores cristãos do seu tempo e também um dos maiores de todos os tempos, autor de cerca de dois mil livros doutrinários, aquele que mais defendeu e propagou o fenômeno da **reencarnação**.

Com ele surge uma corrente no seio da Igreja, que recebeu o nome de **Origenismo**, que defendia os seguintes princípios:

A Todos somos filhos de Deus e, dessa forma, somos iguais diante dEle;

B Deus não usa de favoritismo com ninguém, mas trata a todos os seus filhos de maneira semelhante;

C Os Espíritos foram criados por Deus em condições de felicidade, mas em função de sua rebeldia, caíram e passaram a depender de um desenvolvimento no corpo de carne⁴;

D Todos somos dotados de livre-arbítrio e, em assim sendo, somos responsáveis por nossa felicidade e nosso sofrimento;

E Os Espíritos pré-existem aos corpos;

F A alma, com ajuda de Deus, é responsável por sua própria salvação;

G Os demônios são os Espíritos que mais se rebelaram, por isso, tiveram maior queda. No entanto, **Todos voltarão ao seio do Criador** (grifo meu).

Nesse tempo, havia várias polêmicas, todas resultantes das diferentes maneiras de interpretar (ou mesmo de acomodar) os ensinamentos de Jesus.

Um dos temas mais discutidos era a **divindade de Jesus**. Uma ala afirmava ser Jesus um Espírito criado por Deus, a despeito de se haver tornado perfeito e, assim, uno com o Criador. Outros, não aceitavam esta teoria, elevando o Cristo à condição de Deus. Constantino resolveu interferir e convocar um concílio para a discussão do caso.

Destarte, em 325 d.C., realizou-se o Concílio de Nicéia, onde se tratou principalmente sobre a Divindade de Jesus, criando-se a idéia de **Trindade** (um só deus mas três pessoas distintas - Pai, Filho e Espírito Santo), importada, em verdade, da Índia e do Egito. A discussão, no entanto, persistiu por longo tempo.

Já no sexto século da nossa Era, Roma era governada por Justiniano e, como o Cristianismo havia sido declarado por Teodósio I a religião oficial do Estado, o Imperador afirmava-se cristão.

Conta-se que, influenciado por sua esposa Teodora e aproveitando ainda a polêmica que se mantinha a despeito do concílio de Nicéia sobre a divindade cristica, o Imperador convocou um concílio a se realizar em Constantinopla, então capital do Império.

Dez anos antes, porém, preciso é saber, havia convocado um sínodo⁵ para discutir (!?) sobre a questão das vidas sucessivas que tanto lhe incomodava, mas especialmente à sua esposa, haja vista não admitirem retornar a um corpo em condição social inferior, pois, assim, de deuses, co-

⁴Os Espíritos reveladores não concordam com esta idéia de Orígenes, de que os Espíritos reencarnam porque faliram, mas que Deus determinou a todos os Espíritos sem exceção passem pela feira reencarnatória nas primeiras fases do seu desenvolvimento, até que atinjam a condição de Espíritos puros. Ver questões 132, 133 e 134 de *O Livro dos Espíritos*.

⁵Assembléia dos principais membros do clero de uma diocese para discutir assuntos necessários e de seu interesse. Presidida por um bispo, o único com poderes para legislar. ►

mo eram considerados seus antecessores, desceriam, conduzido por esta doutrina, à condição de simples Espíritos, podendo mesmo renascerem na condição de plebeus, por exemplo...

Contam alguns historiadores⁶ que a Imperatriz havia sido prostituta e, por isso, ordenou a matança de quinhentas mulheres nessas condições, em Constantinopla, porque essas se orgulhavam de haver saído de seu meio a mais nova Imperatriz Romana, sentimento não compartilhado por Teodora.

O povo, que em grande parte acalentava a idéia da reencarnação, passou a comentar que a Imperatriz deveria, por esse motivo, ser assassinada quinhentas vezes em suas vidas futuras. Isso teria levado Teodora a convencer o Imperador a anatematizar definitivamente e com o seu áureo poder a crença na reencarnação.

O resultado desse sínodo foi apresentado no Concílio de Constantinopla, como matéria secundária, de vez que o principal assunto a ser tratado dizia respeito, ainda, à discutida questão da divindade de Jesus.

Ao quinto concílio ecumênico, o II Concílio de Constantinopla⁷, realizado no ano de 553 d.C., compareceram praticamente membros da Igreja do Oriente, pois até mesmo o Papa Virgílio, de Roma, em decorrência de desentendimentos com o Imperador, foi impedido de comparecer, sendo mesmo mantido prisioneiro por sua ordem, quando viajava para Constantinopla.

Hermínio Correia Miran-

da, notável pesquisador espírita, anota em seu livro *Reencarnação na Bíblia*⁸ a afirmativa do Reverendo Leslie D. Weatherhead,⁹ da Igreja Anglicana de Londres, que no sínodo há pouco citado, a reencarnação foi posta em votação e derrotada em um apertado e inexpressivo placar de 3 X 2.

Foi, portanto, desde este concílio que, aos poucos se foi deixando de aceitar a reencarnação no Movimento Cristão, portanto, a partir da anatematização do Origenismo, como se pode depreender dos anátemas que ali se fizeram, como reproduzindo abaixo parcialmente:¹⁰

“Contra todo aquele que assevere a fábula da preexistência das almas e afirme que se segue monstruosa reconstrução: anátema seja”.

“Contra todo aquele que diga que, após a ressurreição, o corpo do Senhor era etéreo, e em forma de esfera, e que assim serão os corpos de todos depois da ressurreição; e que depois que o próprio Senhor tenha jogado seu corpo e os outros que surgem tenham jogado os seus, a natureza de seus corpos será destruída: anátema seja”.

Além destes, havia um anátema do próprio imperador:¹¹

“Contra todo aquele que declare ou pense que a alma humana preexistia, ou seja, que foram primeiro espíritos e sagrados poderes(...): anátema seja”.

A reencarnação não é,

pois, uma invenção do Espiritismo, embora a partir dele ela se liberte do misticismo e do mistério que a envolvia, tornando-se mais compreensível, lógica e racional.

Para a Doutrina Espírita, a reencarnação é uma Lei natural e, por esta razão é, antes de tudo, a comprovação do amor de Deus por Suas criaturas e, principalmente, é a reencarnação caminho indispensável para o desenvolvimento dos potenciais de perfeição em todos nós existentes sob a forma germinal e que constituem a nossa herança divina.



⁶Apud CHAVES, José Reis. *Reencarnação Segundo a Bíblia e a Ciência*. Martin Claret.

⁷Passaram-se vários anos até que a maioria dos dirigentes da Igreja viesse a aceitar as determinações do II Concílio de Constantinopla. Primeiro, porque não havia representatividade da Igreja, posto que nem mesmo o Papa pôde se fazer presente, impedido que fora pelo Imperador; depois porque a questão indiscutivelmente dividia os cristãos. Aliás, até hoje há quem rejeite as decisões tomadas naquele concílio, em decorrência das clamorosas irregularidades nele existentes.

⁸Editora Pensamento.

⁹WESTERHEAD, Leslie D. *The Case for Reincarnation*. Londres, 1958.

¹⁰Apud PONPAS, Manuela. *Reencarnação (A descoberta das vidas passadas)*. Trad. De Wally Constantino. Pág. 68, 69. Ed. Maltese, Ltda. São Paulo-SP: 1991.

¹¹Idem, ibidem.

Para saber mais, consulte:

1) Francisco Cajazeiras - *Elementos de Teologia Espírita* - Pedidos: Editora EME - Fone: (19) 3491-7000 ou 3491-5603.